

VOCAÇÃO POLÍTICA E TENDÊNCIAS IDEOLÓGICAS DO NORDESTE

AMARO QUINTAS

Uma análise histórica revela no Nordeste a existência de importante potencial revolucionário. Assumindo conteúdos diversos em razão de estruturas históricas diferentes, o processo revolucionário nordestino é emancipacionista, nacionalista, abolicionista e republicano. Impressiona a rapidez com que os líderes nativos assimilaram e alguma vez preveniram as grandes idéias revolucionárias de seu tempo. Ao processo revolucionário nordestino não faltaram a inteligência e a capacidade de ação combativa. O que faltou foi talvez a técnica revolucionária e a existência de uma infra-estrutura que propiciasse a sua concretização em termos de reformas sócio-econômicas e impedisse sua volatilização num vago romantismo político. O potencial revolucionário, entretanto, é talvez hoje mais vivo do que nunca no Nordeste, que pode tornar-se o seu mais poderoso e intenso foco de irradiação, dentro da atual realidade brasileira.

O PROCESSO revolucionário brasileiro vai encontrar no Nordeste um dos seus mais poderosos e intensos centros de irradiação. Situa-se a região nordestina como a gênese de um núcleo importante de polarização do potencial revolucionário a atuar na expansão dos movimentos libertários nacionais. Foi no Nordeste cultural, a ter como ponto de concentração Pernambuco, que se formou a verda-

deira *intelligentsia* brasileira, tomando-se o termo *intelligentsia* na sua real concepção sociológica.

Esta *intelligentsia*, inicialmente oriunda da classe dominante, representada pela nobreza rural, nacionalista e emancipacionista, vai posteriormente identificar-se com a classe média em formação, uma classe média que tem os seus expoentes no clero e nos militares.

Concorda a elaboração desse processo com as modernas idéias da Sociologia do Conhecimento, onde KARL MANNHEIM se projeta como o seu mais destacado líder e nos lineamentos da teoria da ideologia que o mestre germânico fixou. Figura-se como a inclinação, conforme destaca MANNHEIM, no seu livro *Ideologia e Utopia*, de "encontrar critérios praticáveis para determinar as relações mútuas entre pensamento e ação" e de "desenvolver uma teoria apropriada à situação econômica, sobre a significação dos fatores não teóricos que condicionam o conhecimento".

Compreende-se, de acôrdo com a teoria da ideologia, ter sido a aristocracia canavieira o elemento impulsionador das revoltas libertárias no período colonial, como se compreende ter-se transferido para a classe média incipiente o *panache* revolucionário, já, agora, mesclado de reivindicações sociais, e não meramente políticas. Dentro de um processo dialético, que MARX determinou com precisão, às revoluções de cunho político impelidas por uma elite filiada às altas classes, iam suceder os movimentos democrático-burgueses, onde o problema social a afligir as classes humildes assumia um aspecto já inquietante. Especialmente depois que a revolução de 1848, aquela que foi chamada de *printemps des peuples*, assustou o mundo, abalando-o nos seus alicerces, com as suas pretensões que não se cingiam a simples mudanças de governantes. E este abalo se tornaria mais potente com a publicação de um panfleto, no mesmo ano de 1848, o célebre *Manifesto Comunista* de MARX e de ENGELS.

Na colônia sentimos a vocação política nordestina manifestar-se desde a luta contra os flamengos, que representou o fator mais importante para o despertar do sentimento nativista e libertário dos pernambucanos. Se a ocupação báltava significou um perigo para a unidade nacional, sig-

nificou também, pelos percalços da peleja, uma tomada de posição em face do problema da nacionalidade em formação. Combatendo contra o inimigo aguerrido e experimentado, percebe-se, sobretudo na chamada Insurreição Pernambucana de 1645 a 1654, o valor do nativo, seu apêgo à terra e a sua capacidade de autogoverno. Capacidade que ajuizaram eles algum tanto madura para libertar-nos das peias coloniais, especialmente da sujeição fiscal e do monopólio extorsivo exercidos pelos reinóis. Tanto que, em 1666, iniciávamos as nossas manifestações contra a metrópole naquela explosão revolucionária que ficou na história com o nome de expulsão do Xumbergas.

Nos começos de 1710 a nossa politização se acentua quando, numa aparente rivalidade de dois burgos, o que se manifesta realmente é o choque entre uma economia de feição rural, onde a elite canavieira nacionalista se entrosava com os interesses emancipacionistas da região e um arremêdo de burguesia forasteira e ligada aos processos colonialistas do reino. MARX, na sua *Ideologia Alemã*, mostra, ao tratar da formação das classes sociais, como, no início, elas se apresentam dentro dêsse binômio: classe rural e classe urbana.

Na chamada Guerra dos Mascates firma-se, claramente, essa vocação política que, depois, de maneira tão palpitante irá encher a nossa história. Em um livro curioso e esclarecedor da evolução da nossa vida social colonial, denominado *Calamidades de Pernambuco*, de possível autoria do cirurgião MANUEL DOS SANTOS, há referência a reuniões secretas efetuadas para as bandas da Piranga, um arrabalde distante do Recife, reuniões que, também, não faltaram na rebelião de 1666.

Se é controvertido o brado de república de BERNARDO VIEIRA DE MELO no Senado da Câmara de Olinda, em 10 de novembro de 1710, não se pode discutir, entretanto, quanto à existência de um sentimento de independência, sob a forma republicana, nos inconfidentes pernambucanos. Pouco importa que êsse ideal republicano tivesse feição aristocrática, nos moldes do regime veneziano. Está isto bem acorde com a teoria da ideologia, tendo-se em vista ser a nobreza rural a classe dominante e, por conseqüên-

cia, a líder do movimento e, naturalmente, integrada nos seus anseios econômicos e na sua conseqüente concepção ideológica.

Foi nos princípios do século XIX que a vocação política do Nordeste assumiu uma feição mais concreta e consentânea com o seu papel futuro. A propagação das idéias novas, idéias que fizeram a Revolução Francesa, iria contribuir, não obstante a ação repressiva do sistema colonial português, para criar na região nordestina um ambiente favorável às manifestações libertárias. E dois focos se tornarão os fatores de polarização do processo politizante do Nordeste: o Seminário de Olinda e o Areópago de Itambé. A ascensão da burguesia, possibilitada pela Revolução de 1789, ia criar condições sociais novas no ambiente nordestino, transformando o sentido do processo político em pleno desenvolvimento. Fundado o Seminário, em 1800, pelo bispo AZEVEDO COUTINHO, tornar-se-á um centro importante de politização e de orientação do espírito revolucionário brasileiro. Do quadro de seus professores sairão os líderes forjadores da Conspiração de 1801 e da Revolução de 1817. Basta citar os nomes de um padre JOÃO RIBEIRO, de um frei JOSÉ LABOREIRO, de um padre MIGUELINHO.

O Areópago, construído por esta obscura e pouco estudada figura de revolucionário intelectual que foi o padre MANUEL ARRUDA DA CÂMARA, aglutinou, na modesta cidade pernambucana de Itambé, jovens idealistas sequiosos de batalharem pela emancipação pátria. Dêle irá surgir a chamada Conspiração dos Suassunas, nebulosa e algo misteriosa, onde se divisam ligações com NAPOLEÃO BONAPARTE, na época 1.º cônsul, ligações que teriam, caso vitorioso o movimento, transformado o panorama político mundial.

Vê-se, assim, como na *intelligentsia* nordestina preponderam os elementos do clero, elementos orientados pelo espírito da reforma pombalina.

Fracassa a intentona, algum tanto romântica, de 1801. Fecha-se o Areópago. Mas o espírito que o animara perdura. E novas sociedades secretas, dotadas do mesmo espírito, continuam a atuar como centros de politização. A Academia dos Suassunas, localizada no engenho do mesmo nome,

e a Academia do Paraíso, situada no pátio que possuía essa denominação, agem, juntamente com a pregação pessoal de ANTÔNIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADE, ouvidor-mor de Olinda, e conhecido, pelo seu vasto saber, como "Academia Ambulante", no sentido da educação política revolucionária dos nordestinos. E dessa atuação surge a grande e admirável Revolução de 1817. Revolução da classe média incipiente, dirigida intelectualmente por padres, intelectuais nada bendanianos, nada "tôrre de marfim", antes aquêles "responsáveis" de que nos fala MAC LEISH, e por militares fascinados pelos ideais de independência e de república.

Abortada a revolta, apesar da violência da repressão, "o maligno vapor pernambucano", a que se refere o anônimo escritor das *Revoluções do Brasil*, mantém-se vivo e atuante. Ressurge, quando da ressonância do movimento constitucionalista de 1820 em Portugal, expulsando o General LUÍS DO RÊGO, governador da Província e representante do aparelho repressor da Revolução de 1817, forçando-o a capitular, em outubro de 1821, em Beberibe.

Com a Independência evidencia-se, de maneira mais forte, o sentido de politização da região. Muito se destacou nesse trabalho o vulto de Frei CANECA, o carmelita denodado que já se distinguira em 17. No seu jornal o *Typhis Pernambucano*, repositório do Pernambuco revolucionário, consegue sensibilizar, por meio de uma pregação doutrinária bem orientada e segura, a opinião pública em favor dos princípios democráticos e constitucionalistas. A sua crítica à Carta Outorgada de 1824 o situa no rol dos grandes pensadores políticos do Continente, rivalizando o documento com o discurso de LINCOLN em Gettysburg.

Ao seu lado merece referência o jornalista JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA, poeta e panfletário, cuja atividade foi da maior importância na manutenção do potencial revolucionário da massa.

A vitória da reação em 1825 não anulara o sentimento de rebeldia do Nordeste, que tinha o seu foco de irradiação em Pernambuco e que sofria os reflexos vindos da antiga capitania de DUARTE COELHO.

O 7 de abril de 1831 altera a paisagem social e cultural da região. As implicações da abdicação se fazem, de logo, sentir, gerando um ambiente de agitação permanente. Os elementos radicais se manifestam dentro de uma técnica quase soreliana de violência. E insurreições se vão manifestar em vários pontos da zona nordestina, principalmente Pernambuco, onde essa técnica se projeta na Setembrizada, na Novembrada, na Abrilada e na Guerra dos Cabanos, que, em verdade, foi antes uma explosão reacionária, assim como a Abrilada, mas que retrata o estado de inquietação dominante e a exploração de líderes políticos junto a camponeses afeitos às lutas de guerrilha.

Com a subida do gabinete de 19 de setembro de 1837 instala-se no Brasil, particularmente em Pernambuco, uma política reacionária das mais completas. Sendo que na província nordestina firma-se uma oligarquia que irá perdurar até a explosão da Praieira. Dominavam na terra pernambucana os três irmãos CAVALCÂNTI: o Visconde de Camaragibe, o Visconde de Suassuna e o Visconde de Albuquerque. O primeiro chefiava praticamente o partido conservador, o segundo dêste fazia parte e o último era o líder incontestado do partido liberal. Qualquer mutação na política imperial nenhuma repercussão apresentava em Pernambuco. Continuava a mesma situação a imperar, isto é, o domínio dos CAVALCÂNTI. Daí a quadra, segundo se afirma, de autoria do Professor JERÔNIMO VILELA DE CASTRO TAVARES, da Faculdade de Direito, então em Olinda, a afirmar:

*“Quem viver em Pernambuco
Deve estar desengunado.
Ou há de ser Cavalcânti
Ou há de ser cavalgado”.*

Esta oligarquia representava a dominação da aristocracia rural controladora da vida agrícola, possuidora dos inúmeros latifúndios existentes na Província.

Viu-se a classe média impossibilitada de voltar-se para a agricultura nas mãos dos potentados dos canaviais, enquanto na cidade o monopólio comercial, exercido pelos

portuguêses, lhe negava qualquer atividade. Êste desequilíbrio econômico refletia-se em surda e constante agitação, ao mesmo tempo que, no terreno das idéias, avultava um grupo de intelectuais integrados nas diretrizes do socialismo pré-marxista, então em difusão na Europa. FOURIER, PROUDHON, LOUIS BLANC, SAINT-SIMON eram familiares aos nossos homens de pensamento. Destaca-se, dentre todos, ANTÔNIO PEDRO DE FIGUEIREDO, o "Cousin Fusco". De origem humilde, oriundo de Igarçu, conseguiu, como verdadeiro autodidata, adquirir vastos conhecimentos, tornando-se, conforme acentua GILBERTO FREYRE, o maior revolucionário intelectual que já tivemos. Influenciado pela pregação do engenheiro francês LOUIS VAUTHIER,¹ pregação de notável ressonância na nossa *intelligentsia* e que fez com que os nossos intelectuais entrassem no conhecimento da propagação do socialismo utópico, então dominante no Velho Mundo.

O "Cousin Fusco", cujas idéias avançadas o situam quase no socialismo científico, não foi um homem de ação, antes um intelectual de gabinete. Não pode ser considerado um bendariano, nem um "tôrre de marfim", uma vez que se sensibilizava com os problemas do povo e com soluções radicais para êles: mas não tinha a vocação das barricadas e dos entreveros. Ficava no debate das idéias, embora essas idéias mais o identificassem com a concepção de MARX do que com as dos socialistas românticos franceses de seu tempo.

Embora ligado sentimentalmente ao Barão da Boa Vista que, nobremente, o ajudou, mulato pobre que o era, a ascender no terreno social e cultural, o "Cousin Fusco", atacado nos jornais praieiros — até o seu apelido foi criação de seus adversários da Praia, que procuravam atingi-lo na sua situação de mestiço, tradutor da *História da Filosofia* de VICTOR COUSIN — sente-se o quanto a sua concepção ideológica — que era a dos *quarante-huitard* — influiu no conteúdo doutrinário do movimento praieiro. É admirável o sentido objetivo que êle imprimia às suas

¹ Ver sobre êste admirável vulto o livro de GILBERTO FREYRE intitulado *Um Engenheiro Francês no Brasil* (José Olímpio Editora, Rio de Janeiro), que esgota o assunto.

diretrizes socialistas, tendo sempre em vista o ambiente pernambucano, quer abordasse o problema da reforma agrária — de que foi um dos pioneiros — quer tratasse da divisão administrativa da Província.

O paraibano ANTÔNIO BORGES DA FONSECA, o "Repúblico", foi um intelectual à maneira de ANDRÉ MALRAUX. Nacionalista extremado e socialista exaltado, soube realizar o modelo perfeito do homem de inteligência que sai do conforto e da comodidade do gabinete para a ação revolucionária. Jornalista combativo, não desdenhava a polêmica. Mas sabia, também, defender os seus ideais, com as armas nas mãos, em uma barricada. Prêso inúmeras vezes, sagrou-se como um radical extrenado no panorama revolucionário do Nordeste. Um radical que tinha idéias; mas que tinha, também, coragem e destemor para padecer e morrer por elas. O "Manifesto ao Mundo", lançado em 1 de janeiro de 1849, é de sua autoria e nêle percebe-se a influência dos princípios socialistas que se manifestaram na revolução de fevereiro de 1848 na França, dentre êles "o direito ao trabalho", criação de LOUIS BLANC.

Outro vulto que se agiganta no cenário revolucionário pernambucano é o do general ABREU E LIMA, vulto legendário de lutador, cujo *panache* se inicia nos campos de batalha da Nova Granada, ao lado de SIMON BOLÍVAR e cujas dragonas e condecorações foram conquistadas nos *llanos* da Venezuela. Socialista como os demais — foi um dos primeiros a escrever na América um livro intitulado *O Socialismo* — transparece, todavia, nos seus estudos e na sua ação, o romântico incurável que, por tôda a sua vida, o foi. O romântico, eterno admirador do belo feminino, o que o iria levar, já septuagenário, a apaixonar-se e a ser ardorosamente correspondido por uma jovem de 18 anos, filha de um dos mais ilustres titulares do Império na Província. Certamente que a sua empolgante figura de *redresseur de torts*, de soldado idealista a lutar pela independência dos povos oprimidos, deveria impressionar e incendiar o coração das sentimentais sinhazinhas de antanho.

Apesar de seu romantismo, o General ABREU E LIMA, no *Bosquejo Histórico, Político e Literário do Brasil*, antecipa-se a MARX e ENGELS ao enunciar em 1835, treze anos

antes do *Manifesto Comunista* — como acentua GILBERTO FREYRE — a teoria da luta de classes.

No processo revolucionário que se desenvolve outros se projetam na liça, como o Dr. FELIPE LOPES NETO, cujas idéias extremadas o tinham obrigado a interromper o curso jurídico em Olinda, indo terminá-lo em uma Universidade italiana e que, de volta à terra natal, se mostrava adepto dos princípios do falansterismo de FOURIER, e o jornalista goianense INÁCIO BENTO DE LOIOLA que, em *A Voz do Brasil*, defendia concepções quase idênticas às atuais, quanto ao nacionalismo e ao colonialismo. O seu nacionalismo exaltado, mesmo xenófobo, é responsável pelo estado pré revolucionário em que viveu a Província nos fins da dominação da Praia, a transparecer nos "mata-mata, marinho" de 1847 e 1848. Não é possível omitir, na mesma linha de conduta, os jornalistas ANTÔNIO VICENTE DO NASCIMENTO FEITOSA, o futuro sustentáculo da Praia quando da derrocada do movimento, e o ultra-radical AFONSO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO.

A paisagem social da Província ia ser, agora, perturbada por aquêlê "fermento socialista" de que nos fala o Conselheiro NABUCO DE ARAÚJO. Não somente o político se destacaria como fator preponderante na evolução e no diálogo das idéias. O social entra, também, no debate. O *politique d'abord* de MAURRAS atualizava-se dentro de um sentido sócio-econômico. E não se diga que êste debate permanecia na mente e nos devaneios de intelectuais inoperantes e *blasés*. Lendo-se as páginas dos diversos jornais e jornalecos publicados — e a época foi uma das mais férteis no jornalismo pernambucano —, nota-se a profunda politização da *intelligentsia* de então, *intelligentsia* nada aristocrática, antes de origem popular. Os líderes aqui citados eram homens, quase todos, de origem humilde, alguns até mestiços, e os que não o eram, como ABREU E LIMA e BORGES DA FONSECA, se identificavam plenamente com o povo pela sua orientação ideológica.

Alguns dêles chegavam a possuir, como o "Repúblico", uma vocação e uma capacidade de direção e de comando, mesmo certa tendência para a liderança carismática, no conceito de MAX WEBER, que lhes possibilitaria figurar,

se as condições fôsssem outras, na galeria dos grandes condutores de massa.

A Revolução Praieira de 1848, que BORGES DA FONSECA prefere denominar de Revolução de Novembro, é um índice frisante dêsse sentido politizante, dessa vocação política, que vamos encontrar no Nordeste.

À pregação direta e ostensiva do líder paraibano nos seus jornais dotados de alto teor revolucionário, como *O Nazareno* e *O Tribuno*, ou, a não menos ostensiva e direta, mas despida de tendência demagógica e alienada das questiúnculas de uma política de campanário, do "Cousin Fusco", na sua revista *O Progresso*, juntavam-se as implicações que uma situação desajustada social e economicamente provocava.

É significativo observar-se como na Praia prevaleciam as aspirações populistas, aguçadas e incentivadas por chefes voltados, demagógica ou sentimentalmente, para as reivindicações populares, a ponto de transformá-la naquele "turbilhão popular" de que nos fala o velho NABUCO.

E, ao contrário de um movimento de cúpula, representa ela antes uma das primeiras manifestações de explosão popular, realizada até contra a vontade dos dirigentes do partido, muitos dêles temerosos do radicalismo de certos elementos de vanguarda — havia, na facção, um grupo ultra-avançado, o dos "Cinco Mil", doutrinariamente ligado a BORGES DA FONSECA, a INÁCIO BENTO DE LOIOLA e ao frade JOÃO CAPISTRANO DE MENDONÇA — e desejosos de pôr um paradeiro à ação "daquela indócil massa popular que alicerçava o partido" na frase expressiva de ALFREDO DE CARVALHO.

Dáí explicar-se a razão de BORGES preferir chamar o movimento de Revolução de Novembro para acentuar-lhe o caráter populista e não simplesmente partidário.

Terminada a fase militar da revolta, o seu espírito — uma espécie de *esprit quarante-huitard* dos franceses — permanece. Muitas das suas reivindicações, dentre as quais se salienta pela sua significação na estrutura sócio-política do Império, a da convocação de uma Constituinte que propiciasse meios de reformas de base, perduram.

Em *O Liberal Pernambucano*, o Dr. ANTÔNIO VICENTE DO NASCIMENTO FEITOSA reacende a campanha que vinha das refregas da Praieira. Em posição mais radical se situa, como verdadeiro representante da extrema-esquerda, BORGES DA FONSECA, com o seu jornal *A Revolução de Novembro*.

É expressiva a circunstância de ter sido publicado no Recife, de 1866 a 1868, um jornal de orientação liberal radical e republicana, denominado *Kassut*, como homenagem ao herói da rebelião húngara e dirigido por um intelectual combativo, cujo perfil está merecendo um ensaio especial, chamado JOÃO DE BARROS FALCÃO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO, o "Barros Vulcão", como era conhecido. Declarou-me de uma feita o escritor PAULO RONAI ser tal fato inédito no jornalismo mundial, o que vem destacar o sentido da politização nordestina e a sua integração no processo ideológico universal.

Por sua vez, *A Opinião Nacional*, que circulou de 1867 a 1870, tomava por lema a frase de GIRARDIN: "a nossa época é, com tóda a evidência, de transformação social e de decomposição política".

Já *A República*, periódico de 1868, tinha como direttriz: "Vós todos sois irmãos", pregando, assim, uma consciente fraternidade que, antes de tudo, é evangélica.

O choque das idéias se manifesta bem potente e claro na segunda metade do século passado quando à baila surgem questões de sentido nacional a interessar diretamente a região. O problema servil, tão entrosado com a nossa estrutura baseada na monocultura açucareira e na ação do braço escravo, sensibiliza as elites atuantes. Elites que vão ter o seu centro de irradiação — papel outrora exercido pelo Seminário de Olinda — na Faculdade de Direito, agora no Recife, cidade que ainda sente o cheiro da pólvora de suas "revoluções libertárias" consagradas pelo verso de MANUEL BANDEIRA.

A nossa *intelligentsia* não mais se manifesta nas batinas dos padres revolucionários dos começos do século. Ela se transfere para os mestres e os estudantes da Academia de Direito. Vão ser eles os vanguardeiros — embora, talvez, dotados de menor potencial revolucionário e de mais redu-

zida capacidade combativa, manifestando-se antes pela ação intelectual, na imprensa ou nos comícios, do que pelo apêlo às barricadas — das grandes campanhas que empolgaram o Segundo Reinado. Faltam, entre êles, não sòmente os idealistas, possivelmente algum tanto utópicos, embebedos no lirismo da “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, mas que deram os mártires de 17 e 24, como, também, os espíritos mais forjados na realidade social, mais compenetrados com “os problemas malditos” do século e que souberam, no nosso 48, projetar-se como verdadeiros líderes do processo revolucionário brasileiro.

Não encontramos, de fato, na campanha abolicionista, na questão religiosa e no movimento republicano — embora tenha sido grande o contingente de admiráveis figuras de idealistas e de pensadores — revolucionários intelectuais do porte de ANTÔNIO PEDRO DE FIGUEIREDO, ou homens de ação, que o foram também de pensamento, da envergadura de ABREU E LIMA e BORGES DA FONSECA.

Não significa isso mutação no sentido da vocação política nordestina. Antes uma transmutação de condições sócio-políticas. Uma preocupação, talvez, mais com as formas de organização política do que com as reformas de ordem social. A própria questão servil teve mais um encaminhamento sentimental do que mesmo uma disposição de mudança de estrutura — e o momento era adequado — de uma ordem social feudal e anacrônica. Encaminhamento sentimental que a transformou numa espécie do que na Rússia se operou com o problema da servidão no tempo de ALEXANDRE II.

Se NABUCO pode ser olhado como uma exceção pelo arrôjo de muitas de suas idéias e pela simpatia humana que nos desperta, ainda assim percebe-se não ter fugido de todo ao aristocratismo de seu pensamento pela sua fidelidade com um trono que se mostrara, em virtude de sua união com os poderosos, com os dominadores da ordem social vigente, incapacitado para simplesmente encarar, já não digo resolver, os problemas básicos do país.

Num momento histórico onde se destacavam com impetuosidade as ressonâncias, não mais do socialismo pré-marxista que animara os nossos revolucionários intelec-

tuais dos meados do século, mas sim das explosões da Comuna de Paris e dos debates da I Internacional, nota-se nos nossos líderes políticos *fin-de-siècle* certa consonância com os ilusórios e aparentes fulgores da *belle-epoque*. Um certo romantismo político, repleto daquele idealismo utópico que encherá o Segundo Reinado e a República e que tão bem estudado foi por OLIVEIRA VIANA.

A paisagem permanece a mesma com a implantação do regime instaurado em 89. A fuga à decantada realidade brasileira, trazida pela Carta de 91, alienou-nos do conhecimento do que se passava no mundo, sacudindo-nos nos braços do idealismo utópico.

As transformações que a I Guerra Mundial provocara só tardiamente tiveram o seu reflexo nas elites intelectuais. De início as esperanças se cingiam, exceto em alguns espíritos mais lúcidos, ou à aplicação, em tôda a sua plenitude, das franquias individuais que a Constituição Republicana fixava e que os governos timbravam em violar, ou a uma vaga reforma constitucional por meio de um mais perfeito entrosamento entre instituições criadas em função de países estranhos e o panorama nacional, fato que, todavia, chegara a despertar a reação de alguns poucos pensadores realistas, como ALBERTO TORRES, que, como TAVARES BASTOS no Império, sentira o artificialismo de nossa organização política em face da nossa realidade. Veio a revolução de 1930, que teve no Nordeste intensa repercussão, quer na sua etapa preparatória, quer no seu desenvolvimento posterior, tendo mesmo proporcionado um dos seus mais fortes motivos com a situação política paraibana e o assassinio do Presidente JOÃO PESSOA.

Inicialmente de feição liberaisca e puramente política, vai a rebelião de 30, posteriormente, tornar-se o campo de cultura dos entrecuchos que convulsionavam a Europa. Despida de conteúdo doutrinário, falha de programação positiva e consentânea com os tempos, apresenta depois tôda a gama de inquietude que estávamos vivendo, inquietude representativa da inquietude universal.

Direita e esquerda surgem como novidade numa terra que, quase um século antes, a vivera, na doutrinação de seus ideólogos e na ação de seus líderes. É verdade que al-

guns doutrinadores marxistas já agiam no ambiente, doutrinadores não somente de gabinete, mas especialmente atuantes nos meios proletários; porém, de fato, os "clérigos" nordestinos somente se vão impressionar com os reflexos dos acontecimentos europeus quando postos em disponibilidade em face da vacuidade ideológica da revolução vitoriosa que se destacava por ser aquêle "deserto de homens e de idéias" de que nos fala OSVALDO ARANHA.

Surge na Faculdade de Direito do Recife o grupo "agitationista", com a sua revista *Agitação*, sob a direção de um acadêmico, OTACÍLIO ALECRIM, que renova o panorama cultural da velha escola estagnada nas "sebentas" e nos compêndios obsoletos do século passado. Torna-se uma espécie de *Iskra* a movimentar politicamente, não apenas os arraiais estudantis, mas os intelectuais de vanguarda. Do mesmo modo o manifesto de outubro de 1932 do Sr. PLÍNIO SALGADO encontra receptividade no seio dos entusiastas da *Action Française* e do pensamento maurrasiano. Manifestam-se os debates entre tendências extremas, debates nem sempre platônicos, onde os punhos fechados alternam com as matutas formações S. S. Em Pernambuco e no Rio Grande do Norte o apêlo às armas se concretiza, em 1935, no movimento liderado pela Aliança Nacional Libertadora.

O Estado Nôvo, aparecido pouco depois, paralisa um tanto a tendência politizante da região. Mas, apesar do seu aparelho repressor, não consegue o nôvo regime calar os protestos de alguns de seus intelectuais, dentre os quais se destaca GILBERTO FREYRE. A entrevista explosiva de outro "clérigo" nordestino, JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA, vai iniciar o processo de dissolução do fascismo caboclo.

Região subdesenvolvida, como é o Nordeste, reflete, na sua vida política, as implicações de sua deficiente estrutura sócio-econômica. Com um magnífico passado de lutas libertárias, tolhida nas suas aspirações de ascensão por uma ordem social anacrônica, espelha na sua vocação política o quadro de seus problemas de desajustamento, de desequilíbrio social.

"O maligno vapor pernambucano" da classificação do anônimo escritor reacionário do século passado, ou "a ardência natural dos pernambucanos", a que se refere o Pa-

dre DIAS MARTINS em livro clássico, continuam atuando no Nordeste. Mesmo porque são expressões de um estado de espírito resultante de condições específicas. São uma forma de *Weltgeist* a transmitir-se através do nosso passado e a projetar-se no nosso futuro.

E quando os anseios de reformas de base, com a conseqüente reforma agrária que, no palco nordestino, se tornou mais enfática com a formação das ligas camponesas, sensibilizam a alma nacional, a vocação política da região, a confundir-se com "o maligno vapor", se projeta em tôda a sua potencialidade.

**APLIQUE SEU DINHEIRO COM O
MAXIMO DE GARANTIA E RENDA**

ESCRITÓRIO MENEZES

LUIZ J. C. DE MENEZES
Corretor de Fundos Públicos e Câmbio

RUA MIGUEL COUTO, 35-6.º
TELEFONE 52-8137